

OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS DA ALFABETIZAÇÃO PARA PESSOAS CEGAS

Antonia Eugenia de Oliveira¹

Orientador prof. Me. Paulo Pedro Schuetz²

RESUMO

O trabalho reflexivo deu-se por meio de uma revisão e aproximação de literatura que apresenta resultados já ponderados sobre os desafios e limites que se oferecem aos processos de ensinar e aprender nos contextos escolares com relação a alunos com cegueira. Alfabetizar crianças com cegueira implica o uso de metodologias e práticas diferenciadas para que os resultados sejam alcançados. O objetivo da reflexão foi discutir a partir de alguns teóricos que discorreram sobre o ensino da leitura e escrita para alunos com cegueira nas séries iniciais do Ensino Fundamental. O contexto da educação inclusiva, especialmente para alunos com cegueira, oferece uma problemática que se situa em saber: Como a escola auxilia o aluno cego durante a formação básica? Os professores estão de fato preparados para atender a esta demanda? A relevância do trabalho oferece perspectivas para professores sobre a importância do conhecimento nesta área e a consciência da busca constante de uma formação adequada para lidar com alunos diversos. Para a metodologia tomamos como base alguns autores que discorrem sobre deficiência, alfabetização e letramento. O instrumental usado foi colher informações sobre o tema, em diferentes suportes, seja em artigos, revistas, etc. Assim foi possível reunir diversas publicações permitindo uma nova leitura sobre o tema e o avanço na produção de conhecimentos. Os resultados indicam a importância deste tipo de trabalho investigativo como fundamental para qualificar os processos de alfabetização de alunos com cegueira. Torna-se fundamental a formação e capacitação dos docentes em sistemas de escrita Braille e outros recursos utilizados para atenuar as diferenças manifestas por alunos cegos. Conclui-se que a escola como instituição social promotora de comportamentos precisa estar adequada para as diferenças. É na inclusão de cegos e demais pessoas que apresentam diferenças que a sociedade aprende respeitar e conviver com a diversidade. A escola é o local privilegiado para ensinar a sociabilidade.

Palavras-chave: Aluno. Cegueira. Escola. Alfabetização. Formação.

INTRODUÇÃO

O trabalho constitui-se uma reflexão sobre a alfabetização escolar para alunos com cegueira, percebendo as dificuldades enfrentadas não só pelo professor, mas contemplando outros aspectos do contexto da educação escolar. Pensar a leitura e escrita para uma criança cega deve levar em consideração a necessidade do preparo do professor para auxiliar este aluno que exige práticas e metodologias que superem suas limitações e incapacidades em relação aos demais alunos na

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri-URCA, E-mail: eugenia.jgo@gmail.com

² Professor do Departamento de Educação- Universidade Regional do Cariri-URCA, E-mail: paulo2004.2@gmail.com
EIXO 9 – Diversidade, Educação Especial e Inclusão.

fase escolar de alfabetização. Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre educação inclusiva, alfabetização e letramento para refletir sobre esta temática.

O objetivo deste trabalho foi discutir a partir de alguns teóricos que discorreram sobre o ensino da leitura e escrita para alunos com cegueira nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Especificamente pretendeu-se identificar as práticas docentes, compreender como os alunos com cegueira aprendem, bem como refletir sobre os desafios e possibilidades da leitura e escrita para esses alunos. O contexto da educação inclusiva e especialmente a leitura e escrita de alunos cegos geraram as seguintes questões iniciais: Como a escola auxilia o aluno cego durante a formação básica? Os professores estão de fato preparados para atender a esta demanda?

A justificativa para a produção desta pesquisa partiu do interesse em compreender por meio da leitura de alguns teóricos como estes autores veem a leitura e escrita para o aluno cego. Ressalta-se a pertinência deste trabalho para a academia como provocadora de discussões na busca de um trabalho pedagógico mais humano primando pelo aprendizado considerando as diferenças discentes.

Nesse sentido a relevância deste trabalho potencializa em professores mudanças, estratégias e a busca de práticas de alfabetização e letramento na perspectiva de colaborar de forma efetiva na construção e desenvolvimento das capacidades e habilidades de alunos com cegueira. Torna-se fundamental a formação e capacitação dos docentes em sistemas de escrita Braille e outros recursos utilizados para atenuar as diferenças manifestas por alunos cegos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreender o mundo e sua evolução como um todo sempre se apresenta de forma complexa para a criança. Para uma criança cega esta complexidade apresenta níveis ainda mais desafiantes. Nos processos de alfabetizar e letrar o professor não pode ser um simples educador, mas um guia nesse mundo de descobertas exigindo dele uma sensibilidade enorme, compromisso e dedicação.

Da mesma forma que é difícil para alunos típicos videntes, a alfabetização escolar não é diferente para uma criança cega, já que exige um esforço maior por envolver o sentido tátil que tende partir de seu interesse. O processo demanda materiais e conteúdos orientados para esses alunos no sentido de estimular a descoberta do conhecimento. Monteiro e Baptista (2009, p. 17) apresentaram que “é

preciso pensar numa prática educativa que considere a criança como eixo do processo e leve em conta as diferentes dimensões de sua formação”. A inserção das crianças com deficiência na escola faz com que elas saiam dos muros familiares e até mesmo de seus próprios muros, da dependência e superproteção dos pais ou responsáveis, permitindo que vivenciem o outro lado do muro antes coberto. Concorda-se com Mantoan (2003, p. 13) que indicou que “a inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazendo”.

Conforme Sassaki (1998) a inclusão escolar compreende a modificação do ambiente para acolher o aluno cego entendendo que este tem os mesmos direitos de frequentar uma escola regular como os demais alunos. Porém, compreende-se que os passos para o desenvolvimento do ensino requerem maior atenção e preparo dos professores, como também materiais adequados para que os processos de ensinar e aprender sejam momentos prazerosos da descoberta das palavras e consequentemente da escrita e a interpretação do mundo para alunos cegos.

A resolução do CNE/CBN de 11 de Setembro de 2001 (BRASIL, 2001) esclareceu as indicações a respeito das normas para a inserção de crianças com deficiência na escola. Sabe-se que o método utilizado para alfabetizar a criança cega é o sistema de escrita Braille, porém se escola não dispõe do material necessário para iniciar o processo de alfabetização passa a existir uma barreira e que pode impedir o desenvolvimento dela, diminuindo o seu desempenho escolar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fase exploratória da pesquisa conforme Gil (2006, p. 17), “tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Para tanto, buscou-se realizá-la, considerando alguns aspectos visando responder aos objetivos propostos inicialmente, contextualizando as informações com a leitura de alguns teóricos que tratam sobre alfabetização e letramento, como também cegueira para uma melhor reflexão sobre a temática pensada. A pesquisa é bibliográfica. De acordo com Gil (2006, p. 44), baseia-se “em material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos”. O instrumental usado foi colher informações sobre o tema, em diferentes suportes, seja em artigos, revistas, etc. Foi possível refletir sobre várias ideias permitindo uma nova leitura sobre o tema e o avanço na produção de conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado dessa pesquisa os profissionais podem encontrar caminhos para que o processo de socialização e aprendizagem da criança cega seja positivo. As pesquisas e leituras em textos de autores que estudaram as temáticas permitem uma compreensão acurada sobre esta complexa realidade na prática pedagógica escolar. Desta forma percebeu-se que as mudanças devem acontecer na escola, sobretudo o trabalho do professor deve ser planejado, estruturado de maneira a contemplar este aluno, sem nenhuma barreira no momento de sua aprendizagem. Mas para que a prática educativa possa alcançar objetivos concretos é fundamental a competência e adequação de todos os recursos indispensáveis para um trabalho de qualidade.

CONCLUSÕES

A inserção de crianças com deficiência para serem alfabetizadas na escola faz com que a diversidade seja contemplada nos espaços sociais. A escola como instituição social promotora de comportamentos precisa estar adequada para as diferenças. O mundo da inclusão é um mundo especial em que todos podem aprender ser mais humanos. É na inclusão de cegos e demais pessoas que apresentam diferenças que a sociedade aprende respeitar e conviver com a diversidade. A escola é o local privilegiado para ensinar a sociabilidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de setembro de 2001**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MONTEIRO, Sara Mourão; BAPTISTA, Mônica Correia. Alfabetização e Letramento - O ensino e a aprendizagem da linguagem escrita em classes do primeiro ano do ensino fundamental. **Salto para o futuro – anos iniciais do Ensino Fundamental**, n. 12, set. 2009, p. 17-26, Brasília, 2009. Disponível em: <goo.gl/1yhaVh>. Acesso em: 10 jul. 2018.

SASSAKI, Romeo Kazumi. Inclusão, o paradigma da próxima década. **Mensagem**, v. 34, n. 83, p. 29, Brasília, 1998.